

VI GRADUAÇÃO EM CAMPO:

Seminários de Antropologia Urbana

De 20 a 23 de agosto de 2007

Prédio de Ciências Sociais e Filosofia (FFLCH/USP)

Universidade de São Paulo

Reitor: Prof.ª. Dra. Suely Vilela

Vice-Reitor: Prof. Dr. Franco Maria Lajolo

Pró-Reitoria de Graduação

Pró-Reitora: Prof.ª. Dra. Selma Garrido Pimenta

Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas

Diretor: Prof. Dr. Gabriel Cohn

Vice-Diretora: Prof.ª. Dra. Sandra Margarida Nitri

Departamento de Antropologia

Chefe: Prof. Dr. John Cowart Dawsey

Vice-Chefe: Prof.ª. Dra. Sylvania Caiuby Novaes

Núcleo de Antropologia Urbana

Coordenador: Prof. Dr. José Guilherme Cantor Magnani

Vice-coordenador: Prof. Dr. Vagner Gonçalves da Silva

Comissão Organizadora

Jacqueline Moraes Teixeira Kawauche (*graduanda em Ciências Sociais*); César Augusto Assis Silva (*doutorando em Antropologia Social*); José Agnello Alves Dias de Andrade (*graduando em Ciências Sociais*); Natacha Leal (*mestranda em Antropologia Social*); Cláudia Madalon (*graduanda em Ciências Sociais*); Pierina Angélica Soratto (*graduanda em Ciências Sociais*); Fernanda Fraga (*graduanda em Ciências Sociais*); Bernard Soares César Guerrieri (*graduando em Ciências Sociais*).

Comissão de Apoio

Alexandre Barbosa Pereira (*doutorando em Antropologia Social*); Alexandre Rosa (*graduando em Ciências Sociais*); Ana Luiza Mendes Borges (*graduada em Ciências Sociais*); Alvaro Kanasiro (*graduando em Ciências Sociais*); Camila Iwasaki (*graduada em Ciências Sociais*); Clara de Assunção Azevedo (*graduada em Ciências Sociais*); Daniela do Amaral Alfonsi (*mestranda em Antropologia Social*); Danilo França (*graduando em Ciências Sociais*); Larissa Zanotto Costardi (*graduanda em Ciências Sociais*); Letícia Shimoda (*graduanda em Ciências Sociais*); Rodrigo Chiquetto (*graduando em Ciências Sociais*); Yuri Bassichetto Tambucci (*graduando em Ciências Sociais*).

Revisão Final

Thomaz Kawauche

Projeto Gráfico e Diagramação

Eduardo Marzagão Tommasini

Nota de Agradecimento

Aos funcionários do Departamento de Antropologia da USP, em especial ao Edinaldo Faria Lima. Ao CEPEUSP e ao COSEAS.

Núcleo de Antropologia Urbana – USP – agosto de 2007

“É por uma razão muito profunda, que se prende à própria natureza da disciplina e ao caráter distintivo de seu objeto, que o antropólogo necessita da experiência do campo. Para ele, ela não é nem um objetivo de sua profissão, nem um remate de sua cultura, nem uma aprendizagem técnica. Representa um momento crucial de sua educação, antes do qual ele poderá possuir conhecimentos descontinuos que jamais formarão um todo, e após o qual, somente, estes conhecimentos se ‘prenderão’ num conjunto orgânico e adquirirão um sentido que lhes faltava anteriormente”.

(Lévi-Strauss, C. “Lugar da antropologia nas ciências sociais e problemas colocados por seu ensino”. In: *Antropologia Estrutural*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1991, p. 415-416)

APRESENTAÇÃO

A cada nova edição, o evento *Graduação em Campo: Seminários de Antropologia Urbana*, já incorporado como atividade não apenas do NAU/USP, mas do próprio Departamento de Antropologia da FFLCH, apresenta novidades no sentido de aprimorar e ampliar seu alcance. Se no ano anterior conseguimos incluir alunos de graduação de fora da USP, em 2007 a proposta, desde o planejamento da atividade, foi a de estender a possibilidade de participação a graduandos de todo o país.

É bem verdade que os estudantes cada vez mais têm acesso a congressos, seminários, encontros. No entanto, o evento *Graduação em Campo: Seminários de Antropologia Urbana* se distingue não só pela especificidade de área de conhecimento como pela exclusividade: nele, os protagonistas são alunos de graduação cujos trabalhos de conclusão, monografias e relatórios de pesquisa, na maioria das vezes, não ultrapassam os limitados horizontes das salas de aula, ou então jazem esquecidos em prateleiras e gavetas das salas dos professores.

A experiência tem mostrado, contudo, que muitos desses trabalhos apresentam interesse não apenas do ponto de vista didático, como aprendizado de técnicas de pesquisa, ou de exercício conceitual: trazem informações, apresentam novas perspectivas de análise, descobrem inusitados recortes de investigação e propiciam ocasiões de reveladoras experiências etnográficas. Não poucos constituem o primeiro e decisivo passo para a continuidade dos estudos pós-graduados; nos tempos que correm, com os prazos exíguos e carência de bolsas, é conveniente trazer já uma bagagem não apenas teórica, mas resultados de trabalho de campo.

A possibilidade de apresentar trabalhos por meio de painéis aumentou o leque de alternativas e permitiu incluir mais participantes,

pois o tempo disponível para exposições orais é limitado; por outro lado, a presença de alunos de pós-graduação como debatedores permitirá o saudável contato entre pesquisadores com diferentes graus de formação. Finalmente também constitui uma inovação a conferência de abertura e a escolha da professora Mariza Peirano, da UnB, não poderia estar mais de acordo com o espírito do encontro, tendo em vista sua conhecida postura “a favor da etnografia”.

A par das novidades já apontadas, que propiciarão, esperamos, melhores condições para contatos e trocas entre alunos de diferentes procedências e instituições, a edição de 2007 de *Graduação em Campo: Seminários de Antropologia Urbana* mantém, basicamente, a mesma orientação e formato desde que foi proposta pelo NAU, em sua primeira experiência, em 2002: é um evento que aposta na valorização do ensino e pesquisa na graduação.

As apresentações e os debates serão transmitidos via internet através de endereço que será divulgado no site do NAU, onde também estarão disponíveis os resumos dos *papers*; os trabalhos mais destacados serão publicados em sua Revista Eletrônica, pontourbe.org.

Prof. Dr. José Guilherme Cantor Magnani
Coordenador NAU/USP.

PROGRAMAÇÃO

20 de agosto

Conferência Inaugural

18h

Etnografia, ou a teoria vivida

Prof^a Dra. Mariza Peirano (UnB)

Coquetel de Abertura

21h

Mesas e Debates

21 de agosto 16h

O prazer e o estigma na cidade: considerações sobre práticas classificatórias em algumas instituições

- **Cinemas pornô em São Paulo**
Alexandre Rosa, Anderson Vallerini, Cleber Alves, Danilo França (USP)
- **Para além do quilômetro dois: um estudo antropológico sobre os usos do corpo e do espaço numa casa de prostituição feminina**
Amanda Gomes Pereira (UFJF)
- **Balada de preto e balada de branco: festas e preconceitos à brasileira**
Katucha Rodrigues Bento (ESP)
- **Classificação e estigmatização: uma abordagem etnográfica na escola**
Marina A. Capusso, Nicolau Dela Bandera Arco Netto, Roberta K. Soromenho Nicolete (USP)

Debatedor: Alexandre Pereira
(Doutorando em Antropologia Social USP)

21 de agosto 19h

Identidades reconfiguradas: entre a tradição e a modernidade

- **O circo: na corda bamba entre o tradicional e o moderno**
Francisco Toledo Dayrell de Lima, Luís Felipe Kojima Hirano (USP)
- **Feira de São Cristóvão: um nordeste idealizado num locus carioca**
Elaine Rodrigues Perdigão (UFF)
- **Música sertaneja e identidade de grupo**
Urias Couto Gonçalves (UFJF)
- **O “esperar troquinho” no centro de Porto Alegre: tradição e inovação na cultura mbyá-guarani**
Andréa Grazziani Otero (UFRGS)

Debatedora: Daniela Alfonsi
(Mestranda em Antropologia Social USP)

Mesas e Debates

22 de agosto 16h

O espaço urbano negociado: disputas políticas e mediações

- **Papeleiro, Um “Papel” (In)Visível**
Jean Carlos Gomes Camargo, Suzane de Alencar Vieira (UFG)
- **Vivendo no trecho: um ensaio etnográfico sobre “moradores de rua”**
Clara Zeferino Garcia, Marcos Castro Carvalho, Mariana Medina Martinez, Mariana Miranda Zanetti (UFSCar)
- **Agora, a ocupação de espaços políticos**
Tiago de Aragão (UnB)

Debatedor: Daniel de Lucca Reis Costa
(Mestrando em Antropologia Social USP)

22 de agosto 19h

Diversidade religiosa na metrópole

- **A recepção das noções de pureza no discurso e na vivência religiosa dos obreiros da Igreja Internacional da Graça de Deus**
Elisa Rodrigues (ESP)
- **Oferendas e sacrifícios: as religiões afro-brasileiras na cidade de Porto Alegre**
Marina Barbosa e Silva (UnB)
- **A comunidade muçulmana de Juiz de Fora**
Jayme Almeida Schmitz (UFJF)

Debatedora: Eva Scheliga
(Doutoranda em Antropologia Social USP)

Mesas e Debates

23 de agosto

16h

Conflitos no ar: mídia e relações internacionais

- **Rádios livres: uma controvérsia no ar**
Flora Rodrigues Gonçalves (UFMG)
- **Emissoras de rádio no mundo “interdependente”**
Caspar Nilsson Wolf (Freie Universität Berlin/USP)
- **‘Todos a la plaza’: a polissemia das relações sociais no cotidiano da Plaza de Mayo**
Graziella Ximenes (UFF)
- **Estudantes de língua portuguesa na UnB: construção de identidades e políticas de inserção no espaço acadêmico**
Sara Santos Morais (UnB)

Debatedora: Jessie Sklair
(Mestranda em Antropologia Social USP)

23 de agosto

19h

Quando a diferença é o corpo

- **Maternidade (re)inventada**
Denise Ferreira da Costa, Lívia Tavares Mendes Froes, Nikolas Mendes (UFMG)
- **As metáforas do câncer: entre o indizível e o dizível**
Silvano Redon (UEL)
- **Estética botulínica: etnografia das mediações químico-humanas**
Isabel Lüscher Fonseca (UFMG)
- **Olhares atentos, corpos que falam: sociabilidade e performance no contexto a língua brasileira de sinais**
Paula Guedes Bigogno (UFJF)

Debatedor: César Augusto de Assis Silva
(Doutorando em Antropologia Social USP)

PÔSTERES EM EXPOSIÇÃO Conversa com Pesquisadores

Local: Piso Térreo

Horário: Todos os dias das 15h às 16h e das 18h às 19h

RESUMOS

Alexandre Rosa, Anderson Vallerini, Cleber Alves, Danilo França (USP) – apresentação oral
Cinemas pornôs em São Paulo

Este trabalho iniciou-se com o propósito de realizar uma etnografia dos cinemas pornôs do centro de São Paulo, posteriormente ampliando-se o circuito para outras centralidades. Na área que já foi conhecida como Cinelândia Paulista, entre as décadas de 1940 e 1970, identificamos uma concentração de 21 cinemas pornográficos, à qual aplicamos a categoria analítica mancha. Constituindo, então, essa área como a mancha dos cinemas pornôs do centro. A maioria desses espaços fazia parte da elegante Cinelândia Paulista, e encontraram, como estratégia de sobrevivência, a exibição de filmes pornôs. Adotamos o termo nativo “cinemão” em referência aos cinemas pornôs, por considerarmos que esses estabelecimentos, a partir da exibição de filmes pornográficos, constituem-se “lugares de excitação” (conforme foram definidos por um informante) e assim, podem ser considerados como estabelecimentos sui generis, diferenciando-se dos cinemas convencionais. O público é predominantemente masculino e homossexual. Porém desprever os cinemões apenas como espaços de “pegação” (contatos eróticos impecoais) homossexual seria redutor. Os usos do espaço são diversos, servindo até mesmo de abrigo noturno. No entanto, a possibilidade do sexo está sempre presente, e as normas de comportamento e da “caça” parecem originar-se do público gay interessado em sexo. A partir das opiniões desse grupo, classificamos os cinemas como “cinemões de pegação” (mais propícios a essas práticas), “cinemas de travas” e “cinemas de rachas” (espaços com prostituição de travestis, e mulheres, respectivamente, menos propícios).

Amanda Gomes Pereira (UFJF) – apresentação oral

Para além do quilômetro dois: um estudo antropológico sobre os usos do corpo e do espaço numa casa de prostituição feminina

O presente trabalho apresenta os resultados de uma pesquisa de campo num prostíbulo feminino na cidade de Juiz de Fora. A metodologia utilizada foi a observação participante, complementada por entrevistas em profundidade, ambas com intuito de delinear a identidade da profissão. Perguntas como “O por que elas se tornaram prostitutas? Por que se mantinham na profissão?”, foram surgindo durante a minha pesquisa e me possibilitaram a aproximação de meu objeto de pesquisa: as “meninas” do K2. Nessas idas e vindas a campo descobri particulari-

dades dessa casa de prostituição que me fizeram perceber que esse espaço constituía identidade e mediava a percepção que as mulheres que ali trabalhavam tinham, de dentro e de fora, do universo em que estavam inseridas e do entorno, a cidade onde a casa se localiza. A partir da distinção feita por Michel de Certeau entre lugar e espaço, descrevi as características objetivas presentes nesse prostíbulo que configuram o significante e consolidam o lugar. Subjacente a isso existem os múltiplos significados que criam os diferentes espaços. O K2, signo, tem essa denominação porque se localiza no Quilômetro Dois, local de entrada e saída, de fronteira, pronto a abrigar os que se apresentam e os que se despedem. Tem 55 anos de funcionamento ininterruptos, conjugando diversas impressões. É um local de glamour, de sedução, mas também de nojo e ânsia de vômito. Um local de afetação em que identidades são manipuladas por diversos discursos, fruto de inúmeras impressões produzidas por aqueles que vivenciam essa casa.

Ana Paula Silva (UNESP) – pôster

Infância, mídia e escola: leituras do corpo e comportamento no ambiente escolar

O objetivo deste trabalho é estudar o universo simbólico infantil, analisando as brincadeiras, gestos, desenhos e maneiras de vestir das crianças para buscar, nessas expressões, as influências da escola e da mídia. Com base nos estudos de Edgar Morin sobre o imaginário humano, a pesquisa tem como suporte a teoria de que a mídia realiza, no homem contemporâneo, um intercâmbio entre o real e o imaginário. Entendendo que o espaço vivido cotidianamente pelas pessoas irá interferir na busca por projeções, a análise da escola se mostra importante, e será feita através do estudo das teorias de Michel Foucault sobre a institucionalização da sociedade e de entrevistas com as professoras. As crianças observadas têm de seis a oito anos, pois estas vivenciam um processo de adaptação em um convívio social escolar. A pesquisa de campo se deu em uma escola privada e outra pública. A mídia e a escola têm se apresentado de maneira intensa na vida da criança. A pesquisa se delinea tendo por base as motivações com as quais as crianças se interessam por filmes com temas adultos (lutas, guerras e romances) e os trazem para seu cotidiano em forma de brincadeiras, maneiras de vestir e gestos. A mídia surge como uma forma de intercâmbio entre a realidade burocratizada da escola com um mundo imaginário, que está nos filmes e na televisão, o qual possibilita às crianças se projetarem em um mundo adulto idealizado.

Andréa Grazziani Otero (UFRGS) – apresentação oral

O “esperar troquinho” no centro de Porto Alegre: tradição e inovação na cultura mbyá-guarani

O presente trabalho tem por objetivo analisar a atualização da prática tradicional Mbyá Guarani do poraró em um contexto de urbanidade e interetnicidade. O

poraró, “espera com a mão”, é identificado, pela população não-índia, com o fenômeno da mendicância. Entretanto, esta pesquisa busca desconstruir essa visão do senso comum, por meio de um estudo etnográfico que remete à prática das índias guarani em um centro metropolitano aos seus próprios sistemas de significação. Na cultura guarani (nhanderecó), e não na nossa, a prática do poraró encontra um sistema de significados coerente. Além do estudo etnográfico, a presente pesquisa embasa suas afirmações em entrevistas com lideranças indígenas e questionários aplicados a um censo de 28 índias que praticavam o poraró no centro de Porto Alegre durante a realização do projeto esperar troquinho, financiado pelo Ministério Público Federal, do qual participei como pesquisadora de campo.

Bianca Salles Pires (UFF) – pôster

Pipoca, diversão e arte: uma pesquisa urbana sobre dois públicos de cinema

O presente resumo faz parte da pesquisa realizada durante o ano de 2007 em dois cinemas na Zona Sul do Rio de Janeiro. Compreendendo o cinema como um espaço urbano, busca-se perceber como se dá a dispersão dos públicos entre os espaços e suas utilizações. A pesquisa volta-se então, para dois cinemas específicos localizados no bairro de Botafogo, sendo um cinema na rua Voluntários da Pátria e o outro no Botafogo Praia Shopping, ficando esses dois cinemas a duas quadras de distância um do outro. Além das diferentes localizações, os dois cinemas são classificados tanto pelas mídias como pelos frequentadores como pertencendo a circuitos distintos de exibição. O cinema da rua apresenta os filmes chamados de arte/alternativo e o do shopping os “filmes comerciais”. A pesquisa parte dessas diferenças de classificação, utilizando a observação participante para perceber quais são e como se dão os usos desses espaços internos e externos às salas de exibição. Para tanto, tenho assistido às sessões, feito entrevistas com frequentadores, funcionários e prestadores de outros serviços nos ambientes externos às salas, além de acompanhar matérias em jornais, revistas especializadas e sites (inclusive os dos próprios cinemas). Os motivos que levam as pessoas ao cinema são muitos, foram observadas visitas de escolas, festas de aniversário, idas em grupos e individuais, percebendo que ir ao cinema vai além de assistir a um filme, constituindo-se uma prática social. Pipoca, diversão e arte assumem diferentes significados para os atores sociais que utilizam esses dois espaços urbanos, e em certa medida define quem pertence a um público e não ao outro.

Carla Souza de Camargo (UFSCar) – pôster
Estratégia, modos, planejamento:
como votam os militares?

O seguinte projeto tem como objetivo principal construir uma investigação sobre as relações entre a política eleitoral e a instituição militar em Osasco-SP. Utilizaremos como objeto empírico de estudo uma unidade da instituição militar, o CPOR (Centro Preparatório de Oficiais de Reserva). Tratar-se de uma etnografia dessa instituição militar para tentar responder de que maneira os militares votam – os modos, critérios e estratégias pelos quais militares efetuam suas adesões eleitorais. A proposta é a de investigar como estão imbricadas as relações dessa unidade militar com as instâncias políticas em seus diversos níveis. É digno de nota que, em virtude da juventude da abordagem etnográfica das eleições no Brasil e do exercício do voto entre militares, não há trabalhos em antropologia que investiguem as relações de duas instituições para o funcionamento da democracia: as Forças Armadas e as eleições. Aproveitaremos os trabalhos produzidos pelos cientistas sociais Piero Leirner e João Roberto Martins Filho, ambos da UFSCar. Ainda nesta área, utilizaremos as obras de Celso Castro (FGV) que, juntamente com a obra de Leirner, constituem as principais fontes da antropologia dos militares. Na área de antropologia política utilizaremos os trabalhos de Jorge Villela, Moacir Palmeira e Beatriz Heredia, entre outros trabalhos produzidos pelo Núcleo de Antropologia da Política (NuAP-UFRJ/MN).

Caspar Nilsson Wolf (Freie Universität Berlin/USP) – apresentação oral
Emissoras de rádio no mundo “interdependente”

A integração dos países do Mercosul (Mercado Comum do Sul), entre a Argentina, o Brasil, o Paraguai, o Uruguai e Venezuela, permite o surgimento de um cosmos econômico e político – pelo menos por parte dos idealizadores do Mercosul – pautado no ideal da existência de uma identidade supranacional. Dos estados brasileiros, o Rio Grande do Sul é o único que faz fronteira com os países que pertencem ao Mercosul desde sua fundação. Essa região fronteiriça se apresenta sempre, no discurso econômico e político, como o local privilegiado onde relações de integração acontecem. Assim, as regiões que circundam o Rio Grande do Sul, e que por sua vez, podem ser representadas por uma identidade regional, passam a ser consideradas, a partir dessa lógica, como base da construção da identidade supranacional. Para os agentes desse movimento econômico, a identidade supranacional deve se manifestar em toda vida sociocultural. Como as emissoras de rádio no sul do Brasil percebem esse acordo comercial transnacional? Como traduzem suas intenções? Quais são as transformações e novos caminhos do rádio no sul do Brasil e neste contexto macroeconômico e político denominado globalização cultural? Essa etnografia se baseia numa investigação de campo realizada em algumas cidades da Argentina, do Brasil, do Paraguai e do Uruguai. O ponto central que resultou nessa análise é a percepção do Merco-

sul no discurso econômico formulado por emissoras de rádio que propiciam um universo simbólico, o qual se constrói uma linguagem que tece um espaço cultural comum entre os agentes que representam de alguma maneira as nações envolvidas. Tais mecanismos e significações polissêmicas de um discurso macroeconômico e político nos permite perceber as emissoras de rádio como um espaço de ações políticas e com redes de relações autônomas de suas instituições nacionais.

Clara Zeferino Garcia, Marcos Castro Carvalho, Mariana Medina Martinez, Mariana Miranda Zanetti (UFSCar) – apresentação oral
Vivendo no trecho: um ensaio etnográfico sobre
“moradores de rua”

Este trabalho é resultado de uma rica experiência de campo vivenciada por nós estudantes de graduação com os “moradores de rua” da cidade de São Carlos. Trata-se de um ensaio etnográfico, no qual não nos restringimos em delimitar um recorte específico, mas procuramos ficar atentos às questões que surgiam no decorrer do contato com o grupo. Dentre elas, observamos a relação dos moradores com as instituições, as quais o grupo se utiliza para sua sobrevivência (embora ressignifiquem e reapropriem as práticas de políticas públicas e os programas assistencialistas oferecidos por essas); a relação das práticas corporais com os tratamentos terapêuticos diferenciados de outras concepções de saúde; a dinâmica da construção/desconstrução/reconstrução de uma identidade ora contrastiva entre trecheros/morador de rua, ora construída a partir de um processo de territorialidade; e o processo de formação da memória, não só subjetivada, mas materializada. Entendemos que estes aspectos são os pontos mais latentes para a compreensão da cosmologia do “ser” trechero.

Claudia Lima Pereira (USP) – pôster
Imbé gikegü, Cheiro de pequi
e os espectadores de São Paulo

No final do mês de agosto e começo de setembro de 2006, na cidade de São Paulo, por meio de um conjunto de promotores e colaboradores culturais, realizou-se o 17º Festival Internacional de Curtas-metragens de São Paulo. Foram onze dias de programação densa em alguns pontos culturais da cidade. As inspirações iniciais desta pesquisa partiram dessa experiência vivida por mim, estudante de antropologia visual no cinema do Centro Cultural São Paulo, durante a exibição do curta-metragem Imbé Gikegü, Cheiro de Pequi, realizado por Taku-mã e Marica Kuikuro e produzido pelo projeto Vídeo nas Aldeias. Durante a projeção das imagens do vídeo Cheiro de Pequi no Centro Cultural São Paulo, algumas cenas me chamaram a atenção por terem envolvido uma grande parte dos espectadores numa mesma reação: o riso. Se a identificação desses especta-

dores com o desconhecido, dos povos ditos “brancos” com os índios, se manifestou na forma de riso, a questão que interessa compreender é como será a repercussão do vídeo entre os diferentes públicos da cidade de São Paulo? Este é de fato o meu enfoque principal: a análise da comunicação intercultural, por meio audiovisual, entre os índios kuikuros/MT, realizadores do vídeo Imbé Gikigü, Cheiro de Pequi e os diversos públicos da cidade de São Paulo.

Claudia Madalon (USP) – pôster

Das relações entre a arte de rua e o circuito de arte na cidade de São Paulo: uma primeira aproximação

Há atualmente, na cidade de São Paulo, várias instituições que se movimentam no sentido de legitimar alguns tipos de intervenções urbanas tais como o grafite, a pixação, os stickers e lambe-lambes perante os diferentes setores da sociedade paulistana, algo que passa pela elevação destas intervenções ao status de arte. Nesse sentido, percebe-se ainda uma alteração no circuito de arte que se dá tanto pela incorporação dessas linguagens por galerias e museus já estabelecidos quanto pelo surgimento de novas galerias especializadas em intervenções urbanas. Diante de tal fato, o interesse deste projeto é investigar como se dão as trocas, as negociações, os conflitos e embates na tentativa de convergência dos diferentes interesses institucionais com as concepções e valores individuais no que se refere à categoria nativa “arte de rua”. A proposta é por meio da etnografia e da produção audiovisual, mapear as representações dos agentes sociais diretamente envolvidos com o tema – galeristas, críticos de arte, grafiteiros, pixadores e designers, especialmente como estes pensam e vivenciam a relação entre a dinâmica da “cultura de rua” e o circuito de arte nessa cidade.

Cristiane Moura Lopes (UFJF) – pôster

A Nau dos Loucos

Neste trabalho proponho uma reflexão sobre os dispositivos subjacentes que estão presentes no espaço do internamento a partir de uma revisão bibliográfica e de dados obtidos numa pesquisa etnográfica que realizo num Hospital Psiquiátrico da cidade de Juiz de Fora. Gostaria de sugerir que a internação do paciente, por si, já estigmatiza a condição do doente, pois prescinde da unidade mítica do sujeito juridicamente incapaz e de uma lógica negativa que se desenvolve a partir de pré-determinações, quais sejam: a contradição clássica entre razão e não-razão, verdade e erro, doença e saúde. Esses pares de oposição, no entanto, não fazem parte da dinâmica do próprio sujeito que está internado; são construções dos atores que se relacionam com ele. Essa dinâmica particular dos doentes sublinha o problema que estes não se consideram doentes uma vez que seus discursos operam dentro de um universo coerente e lógico (pelo menos para eles)

concebido através de imagens, crenças, raciocínios, tais quais, no homem de ‘razão’. Poderíamos dinamizar essa “contradição de perspectivas” através da idéia de que o louco não se vê como tal, mas apenas o é aos olhos de um terceiro que, somente este, pode distinguir o exercício da razão e delimitar a linha divisória que define quem possui um juízo perfeito ou não. Através dos saberes legitimados pela psiquiatria são definidos moral e socialmente quais sujeitos podem integrar esse grupo social e quais precisam ser excluídos. Nesse contexto, o espaço do internamento confere um poder de segregação e atribui à loucura uma nova pátria, circunscrita numa espécie de linha de compromisso entre sentimentos e deveres – entre a piedade e o horror, entre a assistência e a segurança. A odisséia do passado não está mais presa à Nau dos Loucos, mas ao Hospital, que assegura igualmente a presença também mítica dos saberes, enfim da verdade.

Cristiano Cardoso da Silva (UCAM) – pôster

A ciganinha e seus filhos: as relações interétnicas na formação e demarcação de identidade de uma lojista da SAARA

A pesquisa tem como foco de atuação a loja “Ciganinha”, que fica situada no SAARA, conhecida área comercial no centro do Rio de Janeiro, que em sua formação teve uma ampla diversidade cultural e étnica, pois contou com um grande número de imigrantes de origens distintas, como européia, asiática e árabe. A loja em questão tem bastante destaque nesse espaço, pois em sua fachada encontra-se um grande laçarote amarelo que faz uma homenagem ao presidente do SAARA e a “todos os seus filhos”. Busquei utilizar uma metodologia de pesquisa que privilegiasse as visitas sistemáticas a campo e ao mesmo tempo utilizei o estudo de caso, como costumavam fazer alguns dos pesquisadores adeptos da escola sociológica de Chicago. Além disso, utilizo a imagem como instrumento de captação de informações iniciais e para o auxílio nas entrevistas em campo. Entre os argumentos centrais, destaco: i) as relações pessoais e interétnicas da Ciganinha e outras pessoas nas quais a Ciganinha busca tratar seus clientes e outros lojistas como filhos; ii) A loja como instrumento de diferenciação e de identidade étnica, identidade auto-atribuída, por meio de montagem e disposição dos produtos. É possível perceber as trocas simbólicas e recíprocas feitas entre os atores sociais existentes, e como, em busca de uma formação de identidade na arumação da loja e na forma que se relaciona com as pessoas, a lojista faz uma representação de um cigano estereotipado.

Daniel Douek, Felipe Narvaes Campos, Lygia Soares Sena Coelho e Rogério Andrade do Nascimento (USP) – pôster

Etnografando a Praça Roosevelt: um estudo sobre a percepção e a negociação de espaços entre os grupos componentes do cenário social urbano da Praça Roosevelt

O local pesquisado foi a Praça Roosevelt e seu entorno. O método adotado foi a pesquisa de campo. Dividimos os atores sociais em três categorias: os que moram na praça, os que trabalham e os que freqüentam o local. A variada gama de estabelecimentos e grupos da praça demandou formas distintas de inserção. A escolha da Praça Roosevelt está ligada à necessidade de se refletir sobre as diversas relações entre os grupos presentes nesta região. Foi este aspecto que validou a Praça Roosevelt como campo legítimo para a antropologia urbana. A diversidade encontrada nessa região nos levou a inferir inicialmente que alguns conflitos seriam facilmente encontrados, o que não ocorreu de maneira clara. Percebemos que a mediação das tensões é feita por uma legislação, a qual rege os comportamentos sociais. Percebeu-se também a existência de um tipo de comportamento comum que busca enfatizar a cordialidade. A chave para este comportamento está em não “incomodar” os outros, para não transformar a convivência em “coisa caótica”. Mesmo havendo essa pretensa cordialidade, as pessoas têm apresentado anseio pela presença policial. O que passou a ser valorizado na região foi justamente a movimentação noturna atual. A existência de casas de prostituição e boites, ainda não considerados como lugares que valorizam a região, aumentam a movimentação de clientes nos bares próximos. Nenhum desses grupos parece possuir condições de se impor hegemonicamente, sendo interessante para todos eles que os outros também coexistam.

Denise Ferreira da Costa, Livia Tavares Mendes Froes, Nikolas Mendes (UFMG) – apresentação oral

Maternidade (re)inventada

O presente projeto, realizado em Belo Horizonte, versa sobre a relação que se estabelece entre as novas tecnologias de reprodução e as relações de parentesco formuladas a partir dessas. Partimos da idéia de que o recurso às tecnologias de reprodução, que substituem o ato sexual para a concepção, ampliam as margens da escolha de parentesco. Nos interessa, portanto, mapear quais relações vão sendo estabelecidas procurando saber como é realizada a opção por esse método, quais dúvidas e hesitações se colocam diante dessa escolha e como são adaptadas as relações de parentesco que se inventam. Centramos nosso trabalho em famílias em que a mulher optou por ter filho fora de uma relação matrimonial. Lançamos mão dos instrumentais metodológicos da pesquisa qualitativa – observação etnográfica, entrevistas –, com pessoas que fomos contatando através de redes de amizades. Fazem parte de nosso horizonte analítico não só essas mulheres, mas

todos os agentes com os quais fomos nos deparando (pais, filhos, assim como profissionais da área da saúde). Verificamos que existem duas opções quando essa decisão é tomada: a fecundação através de um banco de sêmen, ou a escolha de um homem que venha a ser o pai do(s) seu(s) filho(s). É interessante observar que embora, como afirmam alguns autores, exista uma forte ênfase na escolha e afeição na concepção da família moderna, concepções biológicas de parentesco têm sido consideradas quando se trata da busca da reprodução assistida. É uma preocupação corrente dos que participam desse processo, atentar tanto para caracteres físicos/biológicos quanto os caracteres morais dos doadores.

Diogo dos Santos Robledo (UNESP) – pôster

Negação de direitos: a discriminação racial no processo de adoção

O processo de adoção está envolto em uma neblina de mitos e preconceitos, destes últimos advém a discriminação racial. Uma vez que a adoção pressupõe a primazia da necessidade da criança sobre o desejo do adotante, torna-se incompreensível a marginalização de crianças negras nesse processo. A justificativa mais comum dessa marginalização reside na equação desigual que abriga, de um lado, uma maioria de adotantes brancos e, de outro lado, um grande número de crianças negras disponíveis à adoção. O resultado dessa equação é nulo, ou seja, a adoção não se concretiza sob a justificativa de que a criança sofreria preconceito e/ou discriminação. Tal mentalidade reproduz os dois entraves e nega os princípios de proteção e garantia de convívio familiar previstos no Estatuto da Criança e do Adolescente. Nesse sentido, este trabalho visa analisar, no contexto da cidade de Araraquara, as motivações da resistência à adoção de crianças negras, buscando mesclar a trajetória histórica da adoção no Brasil com uma pesquisa de campo para colher as convicções e impressões dos profissionais envolvidos, bem como dos postulantes à adoção.

Elaine Rodrigues Perdigão (UFF) – apresentação oral

Feira de São Cristóvão: um nordeste idealizado num locus carioca

A fim de inserir o trabalho na perspectiva antropológica da cidade, procuro destacar como um espaço físico, a Feira de São Cristóvão, localizada no bairro de São Cristóvão, subúrbio do Rio de Janeiro, abriga grupos imigrados da região nordeste que se propõem a significar e ressignificar suas raízes. A presente reflexão procura também entender de que forma são estabelecidas fronteiras entre o universo nordestino e o tipicamente carioca. Como método, recorro aos estudos antropológicos sobre o urbano: Simmel, Velho, Magnani, norteiam a pesquisa a fim de dar conta da problemática da identidade na metrópole. De fato, nas grandes cidades, os grupos estão constantemente se criando e suas identidades vão se

infiltrando nas mais variadas esferas sociais. A metrópole é o palco das relações sociais, espaço privilegiado das particularidades, isto é, local no qual as diferenças são expressas. O espaço da feira foi criado com a finalidade de lembrar aos imigrantes a terra natal deixada para trás. Ali eles encontram os elementos que os remetem à tradição, ao passado. Porém, com o tempo, aquele espaço foi perdendo suas características iniciais para dar lugar a outros imigrantes, outras músicas, outros estilos. O que se percebe na feira de São Cristóvão são duplos aspectos: homogeneidade/heterogeneidade; nordestino/não-nordestino. Contrários, mas coexistentes em se tratando de metrópole. Os elementos da cultura nordestina deixam sua presença na cultura da cidade de hoje, no entanto, interagem com outras marcas culturais num processo dinâmico típico das grandes cidades.

Elisa Rodrigues (ESP) – apresentação oral

A recepção das noções de pureza no discurso e na vivência religiosa dos obreiros da Igreja Internacional da Graça de Deus

As noções de pureza e impureza constituem importantes marcadores a partir dos quais certos grupos classificam sua experiência religiosa e social. De acordo com a antropóloga britânica Mary Douglas, tais noções têm o fim de estabelecer “semblante de ordem” na realidade eminentemente caótica da experiência humana. Para a antropóloga, as regras de pureza perpassam a sociedade, influenciando sobre a religiosidade, sobre a política, sobre a economia e todas as áreas que configuram a rede de relações sociais de um grupo. Neste sentido, a religião torna-se um importante marcador que definirá padrões de comportamento social, moral e ético. Na atualidade, o discurso sobre pureza compõe o complexo de orientações de líderes das igrejas evangélicas brasileiras aos seus fiéis. Deste modo, expressões dicotômicas como puro/impuro, sagrado/profano e outras são conhecidas na religiosidade cristã contemporânea. Interessa-nos compreender como é feita a recepção desses códigos na leitura das igrejas Internacional da Graça e se as noções de pureza servem à auto-identificação do grupo. Nosso objetivo é verificar: (1) como noções de pureza e impureza são articuladas nas pregações e na vivência dos líderes-obreiros da Igreja Internacional da Graça. (2) De que modo tais noções são recebidas e incorporadas nas relações desses obreiros. (3) Em que medida tais noções servem ao controle (ou não) das ações sociais e religiosas dos fiéis. Para tanto, ampararemos esta pesquisa na abordagem antropológica de Mary Douglas desenvolvida em seu livro intitulado *Pureza e Perigo* (1966), em debate com a perspectiva de Foucault sobre o discurso como técnica de controle (docilização do corpo) e não simples repressão.

Erica Chaves Cruvinel, Érika Cunha Tocantins (UFG) – pôster **Hip hop: o grito da periferia**

Neste trabalho buscamos compreender o movimento hip hop como uma expressão da periferia, dos jovens marginalizados dos “guetos” expressarem suas dificuldades, suas necessidades do dia a dia. O movimento é formado por três elementos o rap, que é a música; o grafite, que é arte plástica; e o “break”, que é a dança. E esses três elementos juntos compõem a cultura “hip hop” e explica do que seu universo é composto. Mas no presente trabalho buscamos compreender os elementos do “rap”, que é a música, e que pode ser definido ainda como ritmo e poesia, que é a expressão musical verbal do movimento. O movimento hip hop é produto das sociedades contemporâneas ocidentais que produz um tipo de desenvolvimento desigual injusto que obriga muitos a viverem à margem do sistema. O movimento “hip hop” nasce na modernidade nas periferias das grandes cidades como uma forma dos jovens desabafarem, seus desejos, suas angústias, suas necessidades mostrando, assim, seu mundo. Diante disso vamos fazer uma reflexão sobre a emaranhada rede de significação que estrutura o imaginário desses jovens no limiar da exclusão. Nosso trabalho de campo foi feito com o grupo Cl a Posse, no qual discutimos a importância do grupo no processo de socialização vivenciado pelos jovens da periferia de Aparecida de Goiânia. Analisamos também suas experiências culturais, como eles se vêem na sociedade, o que pensam sobre a questão da violência na periferia, enfim, como eles se vêem dentro da indústria cultural e quais são suas expectativas quanto ao futuro dos jovens na periferia.

Flora Rodrigues Gonçalves (UFMG) – apresentação oral

Rádios livres: uma controvérsia no ar

As rádios livres aparecem no cenário brasileiro como um movimento recente cuja análise é complexa. Além de operarem na clandestinidade, as rádios livres versam sobre uma nova forma de auto-gestão – os rizomas (usado aqui no sentido de rede, como uma multiplicidade que não tem sujeitos nem objetos) – e são alvos de represálias vindo de órgãos reguladores como a Anatel e a Polícia Federal, estando envolvidas em uma série de controvérsias das quais destacamos principalmente duas: 1) As rádios livres interferem em sinais de aeronaves ou não? 2) O exercício das rádios livres é constitucionalmente legal ou não? O intuito deste trabalho é fazer uma descrição densa das controvérsias nas quais estão envolvidas as rádios livres, através de uma etnografia de uma rádio livre situada na cidade de Belo Horizonte-MG, a Radiola. Entre outras coisas o que pretendemos é realizar um estudo sistemático das relações entre as rádios livres e os órgãos reguladores e os processos que legitimam esse espaço controverso na sociedade. A metodologia utilizada é a do trabalho de campo, participação nas atividades da rádio, além de entrevistas realizadas com os membros do coletivo. A Radiola é um coletivo auto-gestionado que se reúne desde meados de 2004, no campus da

Universidade Federal de Minas Gerais e que teve e tem como proposta construir um espaço comunicativo autônomo e independente dos interesses midiáticos que são adotados pelos meios de comunicação em voga. O trabalho propõe, portanto, acompanhar a instalação e o funcionamento desta rádio livre de modo a ver como as controvérsias apontadas acima impactaram seu funcionamento.

Francine Barbara Maia de Oliveira (USP) – pôster
Parto e relações de gênero

Esta pesquisa trabalha com a seguinte hipótese: na nova compreensão da experiência humana sobre o parto há uma mudança nas relações de gênero. No modelo hospitalar o homem era um mero espectador ou estava sob a autoridade da medicina, já a mulher, de vítima passou a culpada, e atualmente sujeito, dona do próprio corpo e parto. O que nos interessa é analisar imagens fotográficas de partos e fazer uma reflexão antropológica das relações de gênero. Embora uma crescente apreciação da construção social da atividade científica em si impulse o abandono da dicotomia biológico/social ao nível conceitual, as diferenças entre homem e mulher na esfera da reprodução continuam a atuar. Essa diferença de papéis sociais expressos na imagem é que nos propomos a investigar. O principal material a ser usado é um ensaio fotográfico chamado “Parto: uma dimensão do gozo feminino” realizado pelo médico obstetra e fotógrafo Dr. Paulo Batistuta, que está disponível no site www.paulobatistuta.com.br. Serão também utilizadas imagens de partos que se serviram da tecnologia disponível. A metodologia que nos guiará será o método comparativo que possibilitará fazer as relações entre as imagens do ensaio e as imagens de partos hospitalares. Tendo como respaldo a educação da percepção visual desenvolvida durante o semestre no curso de Antropologia Visual.

Francisco Toledo Dayrell de Lima, Luís Felipe Kojima Hirano (USP) – apresentação oral

O circo: na corda bamba entre o tradicional e o moderno

Esta pesquisa, iniciada no segundo semestre de 2006, procura estudar a dinâmica contemporânea dos circos na cidade de São Paulo. O tema se justifica pela constatação de que, nos últimos anos, os famigerados circos familiares, bastante discutidos na literatura sobre cultura popular, vêm sofrendo mudanças no modelo de gestão. Se por um lado, os circos administrados por um núcleo familiar têm sentido dificuldades de se manter sem se adequar aos modelos empresariais de gestão; por outro lado, os assim chamados novos circos, administrados como empresas de entretenimento, têm recebido amplo apoio institucional e midiático, criando uma espécie de “cultura” circense para as camadas abastadas da metrópole paulistana. De modo preliminar, para captar essa dinâmica, realizamos et-

nografias, segundo o método da observação participante, em circos com modelos de gestão diferentes: Circo Mágico de Moscou, com modelo familiar; e Circo Roda Brasil, com gestão empresarial. Por meio das diferenças e semelhanças desses circos, descobrimos como as diversas formas de gestão – tanto em termos de administração do capital, quanto na transmissão da arte circense – servem de sinais diacríticos que se desdobram em discursos políticos, no sentido de buscar para si a autenticidade e o monopólio da arte circense, a fim de angariar maior apoio por parte dos órgãos públicos e da sociedade. Deste estudo comparativo, realizamos um vídeo etnográfico e um relatório, que sinaliza ajustes teóricos e metodológicos para um estudo de maior fôlego sobre a dinâmica atual do circuito circense na cidade de São Paulo, em andamento.

Giancarlo Marques Carraro Machado (Unimontes) – pôster
Sociabilidade em campeonatos de skate

O “outro” ou a “alteridade” pode estar mais próximo de nós do que imaginamos. Não é preciso ir a lugares distantes para detectá-la: em um simples passeio pela nossa cidade é possível fazer tal constatação. Em nossa sociedade, várias coisas que encaramos como familiares, nem sempre são conhecidas. Partindo disso, é necessário compreender os skatistas como um grupo urbano dotado de valores próprios, além de códigos e símbolos específicos. Nesta pesquisa, objetivou-se desenvolver um estudo etnográfico sobre a formação e manutenção de rede de relações entre skatistas em campeonatos. A metodologia utilizada como instrumento de coleta de dados constituiu-se a partir da articulação entre uma pesquisa bibliográfica e a observação participante. Por meio da comparação entre os relatos etnográficos de três campeonatos de skate diferentes, realizados na cidade de João Monlevade-MG; Ipatinga-MG e Curitiba-PR, conclui-se que no campeonato, os participantes nem sempre se conhecem, mas que com o passar do tempo se reconhecem como portadores dos mesmos códigos e por apreciarem símbolos comuns. O skatepark, que é o local apropriado para a prática do skate e onde acontecem os campeonatos, pode ser considerado o “pedaço” – segundo a definição de Magnani (1984) – dos skatistas, pois ali estão no interior da rede de relações do seu grupo, e neste momento, compartilham dos mesmos gostos, trocam experiências e afirmam-se como um grupo. Pela prática do skate os jovens desenvolvem a sua sociabilidade e reagem à fragmentação urbana.

Graziella Ximenes (UFF) – apresentação oral
‘Todos a la plaza’: a polissemia das relações sociais no cotidiano da Plaza de Mayo

Entre os meses de janeiro e março, tive a oportunidade de realizar um trabalho de campo na cidade de Buenos Aires, capital federal da República Argentina. A partir disso foi realizada uma etnografia da Plaza de Mayo, conjugando entrevis-

tas a diferentes atores à observação do dia-a-dia daquele importante marco histórico para o país. A Plaza de Mayo, localizada no microcentro da capital federal argentina, constitui um espaço heterogêneo que combina uma importância histórica para uma nação à cotidianidade das diversas interações que se configuram no seu momento atual. Além de ser reconhecida como locus de protestos populares e de recepção de turistas, a praça se distingue pela multiplicidade das relações sociais que ali são construídas. Não se poderia pensar no seu público-alvo senão em vários públicos que se unem e desunem de acordo com as circunstâncias em que estejam envolvidos os indivíduos. Assim, muito se pode falar da evolução das diferentes formas de ocupação que são projetadas naquele lugar, o que habilita diferentes configurações espaciais específicas. O trabalho propõe explorar a Plaza de Mayo contemporânea e sua pluralidade, muito mais do que regressar a uma perspectiva de análise histórica para atingir à sua significância.

Isabel Lüscher Fonseca (UFMG) – apresentação oral

Estética botulínica: etnografia das mediações químico-humanas

Tendo como orientação metodológica a proposta de seguir controvérsias sociotécnicas e perceber mediações entre agentes humanos e não-humanos, esta pesquisa objetiva acompanhar a trajetória da toxina botulínica tipo A nos diversos domínios nos quais tem sido ou já foi utilizada, considerando sua interação com seus pesquisadores, propagadores e consumidores. Apesar de não ter saído inteiramente do domínio da medicina, o uso do botox teve seu emprego transferido da esfera terapêutica para o campo da estética facial. A hipótese testada em campo – através de entrevistas com os dermatologistas da cidade de Belo Horizonte (MG) especializados no campo da estética e com seus respectivos pacientes – diz respeito ao uso do botox em nome de uma aparência que atenua as marcas de expressão, sem anular as marcas do envelhecimento evidentes na pele tratada. O aspecto obtido com o uso de botox constituiria, então, uma estética específica almejada pelos usuários, que não vêem um inconveniente no fato de outras pessoas perceberem que estes se submeteram a uma aplicação da substância. Semelhantemente ao processo pelo qual passou o implante de próteses mamárias de silicone – que antes consistia em uma tentativa de alcançar o aspecto de seios naturalmente grandes, e atualmente tem seu enfoque em uma aparência evidentemente siliconizada – o botox, ou a cara botocada, parece caminhar na mesma direção, não sendo seus consumidores envergonhados por assumir que fazem uso da técnica, e mostrando-se muitas vezes orgulhosos por isso.

Ivo Dias Alves (ESP) – pôster

A Fantástica Fábrica de Chocolate ou como produzir bons surdos: uma análise etnográfica da relação entre professoras (ouvintes) e alunos (surdos) da rede pública de ensino

A questão central deste trabalho é a análise das interações entre os alunos surdos e os professores ouvintes, importando neste estudo o discurso e as práticas utilizadas por esses professores na construção da identidade do aluno surdo. Focalizei o presente estudo nas professoras e em um grupo de nove alunos que frequentam a 1ª série do ensino fundamental de uma escola de educação especial localizada no bairro de Pirituba, Zona Oeste de São Paulo. As observações se deram na sala de aula e em todo espaço de interação das crianças, durante o período de duas semanas, no mês de abril de 2006. A forma de registro foi o diário de campo, com anotações de ocorrências relevantes para este estudo. O título de meu trabalho faz alusão ao filme “A Fantástica Fábrica de Chocolate”, do diretor Tim Burton, que na semana da minha pesquisa foi projetado pelas professoras na escola. Como o personagem principal, Willy Wonka, representado pelo ator Johnny Depp, estava atrás de um herdeiro de bom caráter e com coração puro para assumir sua fábrica, isso serviu como pano de fundo para as professoras profírem discursos e práticas com a intenção de produzir bons surdos.

Jayme Almeida Schmitz (UFJF) – apresentação oral

A comunidade muçulmana de Juiz de Fora

O presente trabalho pretende analisar a comunidade muçulmana de Juiz de Fora tendo em vista as relações dos muçulmanos com a religião, com a sociedade juizforana e o contato dos muçulmanos de Juiz de Fora com outras mesquitas. A partir deste tema lidarei com a dinâmica do islamismo no espaço urbano, com o processo de conversão, a relação do convertido com o seu cotidiano em contraste com a religião e, também, o apoio dado ao convertido para que este se insira numa comunidade de imigrantes e na própria religião. A comunidade muçulmana em Juiz de Fora conta atualmente com 70 membros, sendo que a maioria é composta de convertidos. Os convertidos também são os que mais compõem a frequência das pessoas que vão às reuniões nas sextas-feiras, que apesar de obrigatórias, contam com apenas 15 a 20 integrantes em média por reunião. O trabalho também inclui a discussão sobre as práticas religiosas dos convertidos fora do ambiente da mesquita, ao considerar as entrevistas realizadas com os integrantes e os relatórios do trabalho de campo realizado por meio de observação participante. Por fim, analiso como os indivíduos que estão em contato com a “mesquita” (nome que os integrantes da religião dão à loja da Sociedade Beneficente Muçulmana – SBM – de Juiz de Fora), mas que não são da religião, vêm a prática dos muçulmanos. Atualmente, a SBM de Juiz de Fora está bastante inserida no âmbito nacional do islamismo, já que seus membros participam de várias

reuniões e congressos. E muitas vezes essas iniciativas são lideradas por convertidos, mostrando que são eles que detêm a voz no diálogo com o espaço urbano em que se inserem.

Jean Carlos Gomes Camargo, Suzane de Alencar Vieira (UFG) – apresentação oral

Papeleiro, Um “Papel” (In)Visível

Esta pesquisa buscou caracterizar a (in)visibilidade social dos papeleiros na cidade de Goiânia a partir da identidade, da percepção dos papeleiros sobre si e sobre a cidade, e da representação social de seu trabalho. Adotamos a autodenominação “papeleiro”, ao invés da designação “catadores de papel” por meio da qual são conhecidos na cidade. Elegemos como suporte teórico Goffman, Stuart Hall, Mary Douglas para situarmos a representação e a identidade dos papeleiros. Acompanhamos as rotas de trabalho, na tentativa de nos aproximarmos de sua posição marginal, adotando o método de observação participante seguida de entrevistas semi-estruturadas. A identidade dos “papeleiros profissionais” se afirma e se valoriza, num esforço de ordenação da própria aparência, assimilando características da “sociedade”, de um modo de vida “aceitável” e “reconhecido”. O outro em oposição ao qual a identidade dos “papeleiros profissionais” se constitui são os papeleiros não-profissionais, categorizados marginalmente como “garimpeiro”, “mangueador” ou “favozeiro” e “ladrão”. Em sua trajetória por vários cenários urbanos, o papeleiro geralmente inclui em sua atividade sinais que acentuam e configuram fatos confirmatórios que autorizam seu acesso a determinados espaços. A dramatização do próprio trabalho é um meio de fazer seu trabalho tornar-se visível. A aproximação desta pesquisa a uma outra sensibilidade e posição subalternas revelou os papeleiros como agentes sociais ativos que reivindicam, em cada frase, gesto, postura, reconhecimento social através da construção de uma identidade “limpa” e disciplinada e de representações cambiantes conforme o cenário urbano.

Jullia Turrini Lima Brandão (UFJF) – pôster
Pelejando para morrer

Este trabalho compreende uma pesquisa etnográfica em andamento, cujo objetivo principal consiste em compreender as bases para a construção de fronteiras simbólicas entre idosos e funcionários no cotidiano de uma instituição asilar, na cidade de Juiz de Fora-MG. Apesar disso, busco identificar, no processo de institucionalização, o reflexo da perda da autonomia e a reprodução do estigma social através do discurso e das práticas simbólicas dos funcionários.

Katucha Rodrigues Bento (ESP) – apresentação oral

Balada de preto e balada de branco: festas e preconceitos à brasileira

Este estudo se propõe a elaborar uma análise antropológica sobre as relações raciais nas festas de samba em São Paulo, a partir de etnografia e observação participante, para que seja possível entendermos a lógica das interações raciais à luz do debate sobre “democracia racial”. Realizamos uma análise comparativa entre festas em casas noturnas de São Paulo, selecionadas em dois diferentes bairros da cidade: Pinheiros, onde a predominância de frequentadores é de negros; e Vila Olímpia, onde a predominância de frequentadores é de brancos. São estabelecimentos reconhecidos por tocarem samba ou pagode. Este recorte nos faz refletir sobre como se dão as aproximações e afastamentos entre as pessoas a partir de um corte racial e como isso se combina com uma certa percepção dos próprios frequentadores a respeito de um espaço de festa de samba, sugerindo a prevalência da dita “democracia ou harmonia racial”. Sendo assim, poderemos classificar como as relações raciais se dão nos ambientes descontraídos, conhecidos pelo povo paulistano por “baladas”; e explicitar algumas características de relações que contenham em sua base o racismo e a discriminação. A pesquisa pretende delinear a linha tênue que diverge democracia racial de preconceito racial e desvendar os argumentos que permitem a persistência de um mito cultivado por séculos: o “mito da democracia racial”.

Larissa Zanotto Costardi (USP) – pôster

A casa, a rua e o swing: configurações da sexualidade na cidade de São Paulo

Ao cursar uma disciplina na graduação, realizei uma pesquisa exploratória sobre Casas de Swing, objetivando articular a sexualidade e o espaço urbano. A proposta inicial era tentar compreender, tomando como base a obra Pensando sobre sexo de Gayle Rubin – que apresenta um sistema classificatório da sexualidade ocidental dividindo as práticas e personagens sexuais em bons e ruins numa hierarquia –, como as casas de Swing articulam o sexo convencional, bom, e o sexo marginal, ruim. Os conceitos de casa e rua como esferas morais, de Da Matta, serviriam para estabelecer a relação entre a sexualidade e o espaço urbano. O que pude observar nesta primeira pesquisa, que está tendo continuidade, é que as dificuldades metodológicas surgem tanto na hora de acessar o objeto quanto da própria relação que criei com este, firmada por diversos preconceitos práticos e teóricos que estou tendo que superar, e pela relação que estabeleço com as pessoas vinculadas às casas de swing, onde não pude me situar como pesquisadora, relação esta que, por eu não ser praticante de swing ou de outras práticas encontradas nas Casas, acaba sendo sempre um pouco tortuosa. O acesso à internet foi necessário para ter conhecimento das casas e de algumas formas de comunicação que se estabelecem entre os frequentadores, mas não me possibilitou

maiores contatos com estes. Todas as vezes que me identifiquei como pesquisadora não obtive resposta. Realizei três idas a duas casas de swing, situadas em Moema, e uma entrevista informal com um gerente de uma casa.

Lidiane M. Maciel (UFSCar) – pôster

Relações familiares no Brasil contemporâneo, uma discussão sobre a presença de valores patriarcais em alguns bairros de São Carlos

Fundada em 1857, a cidade de São Carlos viveu a fase áurea do café, organizada pela elite agrária em torno de casas-grande e do sistema patriarcal. Conheceu também a sua crise e o projeto de modernização proposto pela indústria. Logo, os valores da antiga ordem (patriarcal) supostamente conviveram de alguma maneira com os valores trazidos pelo projeto modernizante. Sendo assim, é nesse meio, dadas as características de uma cidade média do interior paulista, que este trabalho discutirá a permanência de traços característicos ao sistema patriarcal brasileiro. O objetivo deste trabalho é discutir os mecanismos de hierarquização fundados na autoridade paterna, colocados por alguns autores, especialmente sociólogos, como “resquícios” de uma ordem ultrapassada, fundada no período colonial. Não teriam eles alguma permanência? Além disso, pretende-se discutir a especificidade do igualitarismo à brasileira. O projeto tem uma dupla metodologia. Em primeiro lugar, consiste na análise bibliográfica de estudos clássicos sobre a família, assim como das suas transformações durante o século XX; em segundo lugar, inclui também a realização de entrevistas semi-estruturadas, organizadas a partir de uma amostra da população. Como resultado parcial pode-se argumentar em prol de uma possível dinâmica patriarcal subjugada pelo igualitarismo à brasileira, que é visível a manifestação de valores patriarcais favoráveis a determinados objetivos, como a manutenção da dominação masculina em um lar com tendência matrifocal.

Luísa Valentini (USP) – pôster

A Sociedade de Etnografia e Folclore (1937-1941): práticas etnográficas no entreguerras

A prática etnográfica é o foco deste trabalho. Em que pese tratar-se de pesquisa em arquivo, a observação da Sociedade de Etnografia e Folclore (SEF, 1937-1941) interessa à antropologia urbana não somente por ter sido fundada num momento em que a volumosa imigração trazia preocupações com relação à sobrevivência da cultura local, mas também por ter constituído uma resposta política e científica às mudanças percebidas naquele momento. O acompanhamento das atividades da SEF revela um grande investimento na antropologia como parte de um conjunto de políticas públicas empreendidas pelo Departamento Municipal de Cultura, então sob a direção de Mário de Andrade. Tanto no curso de

etnografia e folclore ministrado por Dina Lévi-Strauss, quanto nas pesquisas empreendidas pela Sociedade, identifica-se uma separação entre trabalho técnico (etnografia) e trabalho teórico (etnologia). Tal situação tem permitido discutir: (1) o papel do etnógrafo como produtor de registros; (2) a divisão do trabalho antropológico; (3) os múltiplos sentidos atribuídos à prática etnográfica dentro e fora da antropologia; e (4) o lugar da pesquisa de arquivo na antropologia e as suas similaridades com o que se convencionou chamar de pesquisa de campo. Os contatos entre a SEF e outras instituições no mundo, por sua vez, oferecem um interessante ângulo de observação sobre as diversas questões teóricas e metodológicas postas à antropologia e aos estudos de folclore no período do entreguerras.

Marcella Masano Latanza (UEL) – pôster

As técnicas de transformação corporal: beleza, cirurgia plástica e risco

Este artigo apresenta a análise dos resultados obtidos em minha pesquisa de iniciação científica com mulheres que aderiram a prática de transformar o corpo através da cirurgia plástica estética. Concentrei-me nas técnicas destinadas à extração de gordura, como no caso da lipoaspiração, ou à correção de “problemas” ligados à gordura e à flacidez, como as cirurgias de abdômen e a plástica nos seios (mamoplastia). O objeto de tal estudo se justifica pela proliferação crescente das cirurgias plásticas estéticas no Brasil a partir da década de 90, que conjugadas a um ideal de beleza “moderno”, surgem como possibilidade de transformação corporal na busca por um ideal de corpo entendido como “perfeito”. A pesquisa está sendo realizada na internet, mais especificamente na rede de relacionamento orkut em duas comunidades sobre cirurgias plásticas estéticas. A primeira comunidade apresenta mulheres destacando seu desejo de modificarem seus corpos e relatos daquelas que já o fizeram. A tônica é a do sucesso esperado ou já alcançado, apesar das dificuldades encontradas também serem relatadas. Na segunda comunidade os relatos enfocam os fracassos, as expectativas frustradas e os riscos presentes nesses procedimentos. Pretendo discutir como a cirurgia plástica estética, embora seja um procedimento invasivo, que oferece risco cirúrgico, é entendida apenas como um mecanismo de construção de um corpo dentro dos padrões de beleza estabelecidos.

Marcelo Fukushima Patarro (PUC-SP) – pôster

Sociedade da pipa: um estudo dos empinadores de pipa do bairro Vila Conceição no distrito da Vila Curuçá, São Paulo

Este trabalho abordou o brinquedo em sua seriedade. Presente no cenário urbano atual, a pipa se transforma em um jogo fascinante, carregado de significa-

dos e intenções. Preenche espaços importantes na estrutura social em que está inserida e cumpre papéis significativos na vida de seus adeptos. Pertencente a uma cultura específica, a pipa se defronta com questões complexas como a da indústria cultural e aponta para direções jamais almeçadas em sua origem. Acompanhou as mudanças da sociedade ao longo da história e se apresenta hoje como mais uma manifestação de resistência cultural e transformação social. Em nossa análise o espaço de lazer, muitas vezes entendido como espaço de ócio, é interpretado como espaço de exercício da liberdade. Mesmo que essa liberdade seja parcial, ela revela as escolhas e as vontades que os indivíduos reprimem no cotidiano do mundo do trabalho. Diante da sedução das formas de dominação criadas pela indústria cultural, que tem como objetivo o lucro, o fenômeno descreve a inversão da submissão, isto é, indica que existe a sujeição da indústria comercial à tradição da pipa e não o contrário. Levantamentos bibliográficos, observações, análises, conversas e entrevistas ocorridas entre janeiro de 2006 e março de 2007 acompanharam este estudo etnográfico até seu desenrolar, trazendo à tona resultados esclarecedores e outros que jamais pretendi com esse trabalho.

Marcos Aurélio Lacerda da Silva (UFRJ) – pôster

Intermediações, mediações, conflitos e alternativas de convivência: um estudo sobre individualismo e formas de socialização em um alojamento de estudantes universitários

As relações tensas entre os processos de individuação e as formas de socialização, ou melhor, entre indivíduo e sociedade, fazem parte de uma longa tradição de estudos em sociologia e antropologia. Uma outra discussão, também presente nas tradições sociológicas e antropológicas, sobretudo nos estudos de ecologia humana desenvolvidos pela Escola de Chicago, é a que se dá nas análises relativas aos processos de criação das formas de convivência e construção de redes de sociabilidade nos ambientes de habitação coletiva e nos meios urbanos os mais diversos. Nosso trabalho tem como principal foco de interesse a problemática que envolve esses dois eixos de análises e suas possíveis conexões: a tensão existente nas relações entre indivíduo e sociedade, quanto às formas de sociabilidade construídas nos ambientes de habitação coletiva. Usamos como campo empírico o alojamento de estudantes da UFRJ, situado na Ilha do Fundão, zona norte da capital carioca, onde o pesquisador – que também mora no local – desenvolve o projeto, através de pesquisa de campo intensiva, coleta de dados históricos e entrevistas com personagens centrais do lugar. Este trabalho é parte de uma linha de pesquisa que privilegia o estudo das habitações coletivas em seus mais variados campos empíricos (cortiços, favelas, conjuntos habitacionais, vilas operárias, alojamentos de estudantes, etc.), no âmbito das pesquisas desenvolvidas pelo LE Metro (Laboratório de Etnografia Metropolitana) coordenado pelo Prof. Marco Antonio da Silva Mello.

Marcos Vinicius Malheiros Moraes (USP) – pôster

Arte, corpo e brincadeira na educação infantil: a infância em uma perspectiva antropológica

Realizamos uma análise do papel desempenhado pela mimesis na produção de identidade e alteridade no interior das experiências significativas de um drama infantil particular, que ocorre em duas escolas de educação infantil situadas no bairro do Butantã, Zona Oeste da cidade de São Paulo. A noção de performance é fundamental na realização desta análise, pois esta, no momento de emergência da infância e de proveniência da criança, permitiu-nos ressaltar a fala infantil que foi articulada, a partir dos momentos de tensão destas experiências, para pensar o modo pelo qual, na experiência, com o uso da faculdade mimética, que sutura a natureza ao artifício, uma determinada realidade é produzida. No entanto, a ênfase dada a este aspecto da mimesis desconsidera a ambivalência desta faculdade, pois se a mimesis é fundamental na produção de uma determinada realidade, ao passá-la pelas vias da sensibilidade, ela o é também para a produção de efeitos de “estranhamento”. Neste sentido, as tensões entre o controle da mimesis e os momentos nos quais as crianças realizam a sua auto-poiesis parecem-nos fundamentais, tais tensões nos conduzem ao corpo, como ponto de origem desta faculdade e locus das tensões que ocorrem em torno de seu uso.

Maria Raquel da Cruz Duran (UNESP) – pôster

Mito e música: consolidação ideológica em Richard Wagner

Pretende-se com este projeto estudar as relações entre música, sociedade e mito na obra de Richard Wagner. Além disso, destacar a importância do mito e da música como linguagens de interpretação da cultura. Ao que nos parece, é evidente que por meio de sua obra, Wagner propiciou o conhecimento da mitologia germânica em seu país e em muitos outros, onde seu sucesso estendeu-se. Propomos uma discussão a respeito dos subsídios que a ópera ‘Tristão e Isolda’ deram para a idéia de que a felicidade terrena deve ser perseguida e que para alcançá-la é necessário pagar um preço, inserindo-se aqui as idéias de luta, conquista, sofrimento cotidiano, felicidade terrena inatingível, etc., percebidos na sociedade do século XIX e atual. As idéias de que o universo cultural é redutível a um discurso de preço, gerando uma cisão entre humanidade e mundo, no sentido de que a felicidade somente será obtida espiritualmente e pelo esforço individual, e de que o prazer é oposto à realidade e ao viver social, perpassam a obra de Wagner, que colaboraria para a consolidação dessas idéias. Como meio de análise da propagação dessas idéias pela obra de Wagner entrevistaremos o público – especificamente a ópera “Tristão e Isolda” – tendo em vista captar sua percepção dessa dialética da civilização e sua reprodução discursiva enquanto parte integrante da formação de um imaginário.

Marina A. Capusso, Nicolau Dela Bandeira Arco Netto, Roberta K. Soromenho Nicolete (USP) – apresentação oral

Classificação e estigmatização: uma abordagem etnográfica na escola

O presente trabalho aborda os “sistemas classificatórios” operados em uma escola no centro de São Paulo. Esses sistemas são operados por todos aqueles que exercem uma relação de “autoridade” em relação aos alunos, sejam esses, o corpo docente, a direção, os grupos de outros alunos ou alguns membros da Polícia Militar. A presença destes, como coordenadores de uma organização nomeada JCC (Jovens Construindo a Cidadania), faz com que essa escola apresente uma peculiar constituição, visto que eles realizam atividades que se associam aos “mecanismos educacionais” (ou instrumentos pedagógicos) da escola. Outro elemento que singularizou essa escola, ao nosso olhar, era a existência de uma turma, a 8ª RC, que a despeito da heterogeneidade de alunos que a compunham, fazia com que todos fossem submetidos a uma uniformização, de caráter depreciativo, por pertencer a ela. Portanto, este trabalho analisa a questão da classificação (estigmatização) e a presença da JCC, que se revelou também um importante agente de operação desse sistema classificatório. Tal percepção nos levou à mudança de foco na pesquisa de campo, uma vez que o projeto inicial consistia em abordar as relações raciais na escola, sob a perspectiva de Oracy Nogueira, especificamente sua noção de “preconceito de marca”. Essa descoberta fez com que problematizássemos o papel da etnografia enquanto elemento essencial que propicia a revisão de nossas hipóteses iniciais e a construção de novos objetos de pesquisa, e nos revelou também a necessidade de pesquisas etnográficas relacionadas à escola e à prática de seus agentes.

Marina Barbosa e Silva (UnB) – apresentação oral

Oferendas e sacrifícios: as religiões afro-brasileiras na cidade de Porto Alegre

No presente trabalho procuro mostrar as relações entre as religiões afro-brasileiras e o espaço urbano da cidade de Porto Alegre, que se caracterizam por conflitos étnicos, religiosos e políticos. Tais conflitos nos permitem perceber a luta e as estratégias por parte dos adeptos para poderem praticar livremente a sua religião. A partir da bibliografia recente sobre a temática das religiões afro-brasileiras em metrópoles brasileiras e de meu trabalho de campo, realizado de abril de 2004 até o presente momento, com os sacerdotes e demais membros destas religiões que participam das reuniões da Congregação em Defesa das Religiões Afro-Brasileiras (CDRAB), analiso como as ações da luta pela legalização do sacrifício de animais e pela liberdade de culto em lugares públicos, ou seja, das práticas religiosas como os ebós (oferendas), protagonizadas pela CDRAB, indicam um processo de apropriação simbólica dos espaços urbanos por este grupo religioso. Neste sentido, a presença dos sacerdotes nos meios de

comunicação em massa e nas esferas políticas, assim como a ocupação pelos religiosos de parques, praças, ruas e outros lugares historicamente marcados pela presença dos “batuqueiros”, como o Mercado Público e o lago Guaíba, articulam-se a práticas rituais que estabelecem a relação entre o fundamento do culto e as possibilidades de resolução de conflitos com a sociedade envolvente.

Michelangelo Marques Torres, Sergio Eduardo Sampaio Silva (USP) – pôster

De atividades econômicas a relações sociais e socioespaciais: potencialidades sociológicas e antropológicas dos dados econômicos na metrópole

O objetivo do trabalho consiste na busca de indícios de relações sociais e socioespaciais implícitos a dados sobre atividades socioeconômicas em determinadas áreas da metrópole; no caso desta pesquisa, a Mooca Baixa. O enfoque parte da investigação sobre as representações nativas. O estudo constitui, na verdade, um exercício de cunho metodológico: busca mostrar que dados socioeconômicos referidos às áreas da metrópole podem servir a muito mais do que apenas a um panorama sobre as atividades socioeconômicas vigentes ali. Pretende-se mostrar que dados socioeconômicos podem ser reveladores de relações sociais e relações socioespaciais vigentes na metrópole hoje.

Oswaldo Assis Rocha Neto (UnB) – pôster

Os jovens pedaços da Cidade Estrutural

As diversas igrejas evangélicas e a Igreja Católica possuem uma presença forte na Cidade Estrutural, uma área pobre próxima ao Plano Piloto de Brasília. Muitos dos jovens da Cidade são fiéis dessas igrejas, e o fato de se filiarem a alguma religião altera profundamente a forma como interagem com e na Cidade. À medida que os jovens vão se inserindo cada vez mais nas atividades religiosas, vão desprezando os espaços de interação que a Cidade possui, e esta vira apenas o espaço que percorrem para se dirigirem às suas igrejas e as casas dos ‘irmãos’ de igreja. E, na medida em que consolidam a fé, vão estabelecendo uma divisão entre eles, que pertencem a alguma igreja, e aqueles que não são de igreja, “os outros” ou “as pessoas do mundo”. O fato é que essa divisão não é realizada nem sentida pelos jovens que não frequentam as igrejas da cidade. Estes jovens encontram outros “outros” para classificarem como do mundo os que vendem e usam drogas ou roubam na Cidade. Os diferentes jovens que vivem na Cidade dificilmente interagem entre si e também não utilizam os mesmo espaços de sociabilidade. Os jovens de igrejas, ancorados pela doutrina religiosa, não frequentam os inúmeros bares da Cidade, nem mesmo os dois campos de futebol, e dificilmente encontram algo que classificam como diversão dentro da Cidade, exceção feita aos espaços restritos das igrejas, assim buscam diversão em outras cidades

do Distrito Federal. Os não-religiosos ficam com os pedaços públicos da Cidade e os dividem com aqueles outros “outros”, mantendo com estes também uma relação de evitação, reproduzindo a divisão realizada pelos jovens das igrejas. A metodologia aplicada é a observação participante junto às igrejas Assembléia, Sara Nossa Terra e Igreja Católica e jogando o campeonato de futebol da Cidade, além de entrevistas com jovens que vendem drogas na cidade.

Paula Guedes Bigogno (UFJF) – apresentação oral

Olhares atentos, corpos que falam: sociabilidade e performance no contexto a língua brasileira de sinais

O tema desta comunicação, embora pouco abordado pela Antropologia, faz-se presente no cotidiano da vida urbana. Sabe-se que a língua brasileira de sinais (libras) é o idioma oficial dos surdos de nosso país e que, portanto, é através dela que estas pessoas mantêm relações entre si e com as coisas. É por meio da libras que um surdo constrói suas interpretações, sua experiência, sua forma de estar no mundo. Basicamente, o que se pretende aqui, é realizar um estudo antropológico da performance e da sociabilidade na comunidade surda da cidade de Juiz de Fora. Para isso, foi preciso pesquisar tanto a literatura a respeito da surdez e da libras, quanto a literatura antropológica, especialmente no que concerne aos conceitos aqui citados. Realizar trabalho de campo com observação participante e entrevistas, manter um diário de campo e realizar uma descrição densa daquela prática cultural, são os afazeres da pesquisa que permitem compreender a língua brasileira de sinais como um instrumento de sociabilidade e como performance. Desse modo, torna-se possível perceber a diferença e pensar as práticas que dela decorrem como processos culturalmente construídos.

Pierina Angélica Soratto Jacinto (USP) – pôster

Quando a rua se torna casa e o sagrado encontra o profano: relações entre missionários e crianças e adolescentes em situação de risco social

A comunidade católica Aliança de Misericórdia (AM) foi fundada por três padres italianos no ano 2000 e está sediada na cidade de São Paulo. Ela desenvolve uma série de atividades religiosas e assistenciais motivadas pelo carisma de ser ponte de misericórdia entre povos, igrejas e classes sociais e que, além disso, dialogam diretamente com o espaço urbano. O presente trabalho visa analisar o relacionamento entre os missionários da AM e crianças e adolescentes em situação de risco social, um dos principais desdobramentos da atuação comunitária. Defendemos a hipótese de que o modo como ocorre a aproximação e o relacionamento entre os missionários e os meninos, tanto na Pastoral de Rua, quanto nos abrigos da comunidade, é uma estratégia contemporânea de catequese, também

funcionando como forma de (re)inserção social. Além disso, argumentamos que a AM conjuga características da Renovação Carismática Católica (RCC) com elementos das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs), dois movimentos que nasceram em oposição no seio da igreja. O principal método de pesquisa empregado é a observação participante cujos resultados possibilitaram a caracterização do ethos e da visão de mundo dos dois atores sociais estudados, bem como a identificação de regularidades espaciais e de calendário implicadas pelas práticas missionárias. Analisar a AM em termos etnográficos torna-se relevante, pois está em curso um processo relativamente novo dentro da Igreja Católica, isto é, o surgimento das novas comunidades carismáticas – “comunidades de vida e aliança no espírito” –, que são modalidades religiosas engendradas pelos próprios atores e só posteriormente institucionalizadas, representantes de uma das formas pelas quais a religião pode preservar sua força e atender as demandas do homem contemporâneo.

Rafael Adriano Marques (USP) – pôster

“In Jesus we trust”: a Bola de Neve Church e o neopentecostalismo brasileiro

Este trabalho apresenta os resultados da pesquisa desenvolvida a partir do projeto “In Jesus We Trust”: a Bola de Neve Church e o neopentecostalismo brasileiro, que se propôs a estudar a especificidade da Igreja Evangélica Bola de Neve Church dentro do campo religioso brasileiro, procurando apreender uma nova estratégia de expansão dentro do “mercado de bens de salvação”. Conhecida pelo senso comum como a “igreja de surfistas”, ela opera um arsenal simbólico pouco comum às demais igrejas, notadamente ligado à cultura surfe. Para tanto, privilegiou-se o trabalho de campo em cultos e reuniões de células da igreja. Ao final, faz-se uma análise da relação entre a “cultura surfe” e a religião cristã.

Rafael Simões Lasevitz (UnB) – pôster

Performance, cultura de consumo e liderança em um espaço brasiliense de sociabilidade: o Pontão do Lago Sul

O Pontão do Lago Sul, situado na beira do Lago Paranoá em Brasília, é uma referência brasiliense de espaço de entretenimento e sociabilidade, composto por vários restaurantes e bares cercados por um largo muro, freqüentado por supostos membros de uma ‘classe média-alta’, sendo referência de espaço de sociabilidade ‘seguro’ e ‘belo’. Aparece, enfim, como ponto de encontro de grupos de sociabilidade, as ‘rodas de conversa’, cujos membros tentam situar-se e afirmar-se enquanto indivíduos. A metodologia aplicada buscou, de acordo com as circunstâncias de pesquisa, mesclar técnicas de observação participante com en-

trevistas semi-estruturadas direcionadas a grupos específicos. Questionados sobre suas motivações para que frequentassem o Pontão em detrimento de outros espaços de sociabilidade, a segurança dos muros e a beleza da paisagem apareciam como discursos preponderantes. Contudo, percebeu-se também uma certa homogeneidade no discurso dos ‘entediados’ e ‘derrotados’ do Pontão, aqueles que lá chegavam ‘por acaso’, para quem o Pontão não restringia somente o seu acesso interno através de muros de concreto, mas também de suas formas internas de sociabilidade. As ‘rodas de conversa’ à beira do lago fogem, contudo, desse padrão de reuniões ‘de família’ e de ‘casais de namorados’, aparecendo como forma alternativa de sociabilidade. No Pontão, estes grupos geralmente se mantêm autônomos às dinâmicas de consumo esperadas pelo planejamento oficial local. Criam um ambiente próprio, com sua própria música, viabilizando formas de sociabilidade e performances que se pretendiam invioláveis.

Raquel Basilone Ribeiro de Ávila (UEL) – pôster

Circuito black metal e um estilo de vivê-lo num pedaço de Londrina

O objetivo deste trabalho é fazer um mapeamento do circuito dos grupos de black metal e um possível pedaço dele (os denominados Cinco Conjuntos) na cidade de Londrina, buscando descobrir a sociabilidade que estabelecem com a cidade e entre si ao adotarem um estilo de vida sustentado por códigos, vestimentas, música e linguagem comuns. Tendo o meio urbano como local de expressão da diversidade por excelência, situá-los nesse contexto através de uma visão de perto e de dentro permite que a relação pesquisadora/objeto possa ser aprofundada no trabalho: mediante a vivência das categorias de estranhamento e familiaridade e adotando um diálogo constante entre a metodologia e a prática da pesquisa, esse trabalho traz uma etnografia fundamentada no referencial teórico de uma antropologia urbana elaborada para grandes metrópoles – aqui desenvolvida em uma cidade de porte médio, Londrina. A observação participante é possibilitada pela inserção da pesquisadora em uma banda do estilo musical black metal, que permite uma maior aproximação com os membros da banda e sua aceitação. Ao ascender a uma posição de respeitabilidade no grupo – a de vocalista – a coleta de imagens e informações por meio de entrevistas e conversas informais, registradas por meio de anotações no caderno de campo, torna-se plausível pela facilidade de contato com integrantes dessa e de outras bandas do mesmo estilo, o que também proporciona acesso aos diferentes grupos de black metal, mutuamente ligados uns aos outros por suas múltiplas relações de sociabilidade.

Sara Santos Morais (UnB) – apresentação oral

Estudantes de língua portuguesa na UnB: construção de identidades e políticas de inserção no espaço acadêmico

O presente trabalho busca compreender como se dá a gestão dos vínculos de identidade, aliança, resistência e oposição entre os estudantes estrangeiros da Universidade de Brasília oriundos de países da CPLP (Comissão dos Países de Língua Portuguesa). Buscar-se-á apreender que tipo de questões as experiências vivenciadas nessa universidade trazem para a redefinição dos projetos de vida e visão de mundo desses estudantes. Espera-se compreender algumas das implicações subjetivas que a participação de diferentes sujeitos em projetos de cooperação internacional traz para reconfiguração de suas identidades. Desse modo, as perguntas que inspiram este trabalho são: a partir de quais vínculos de identidade esses alunos se agrupam em seu cotidiano?; como estudantes de diferentes nacionalidades se relacionam entre si?; qual o lugar que atribuem ao Brasil e aos brasileiros no panorama das relações internacionais contemporâneas?; que reverberações a experiência no Brasil traz para a construção de suas identidades nacionais?; o encaminhamento à universidade por meio de vínculos institucionais distintos tem algum impacto no modo como são estruturadas as relações entre eles? A maior parte da pesquisa tem sido realizada através do método etnográfico – observação cotidiana da relação dos alunos entre si. Foi feita pesquisa bibliográfica, estudo dirigido e entrevistas com os estudantes. No presente momento, pode-se divisar que existem, no universo acadêmico, fontes de tensão entre estudantes estrangeiros e brasileiros; suas identidades são reconstruídas nessa complexidade de conflitos dentro do contexto da sociedade brasileira.

Silvano Redon (UEL) – apresentação oral

As metáforas do câncer: entre o indizível e o dizível

A pesquisa de iniciação científica realizada no Hospital do Câncer de Londrina, meu local de trabalho, há dez anos, como auxiliar de enfermagem, objetiva analisar as metáforas utilizadas pelos pacientes para se referirem ao câncer. A dificuldade em nomear uma doença carregada de significados negativos relacionados à dor, ao definhamento do corpo e à morte, levou-me a focalizar a pesquisa nas categorias nativas para nomear algo que parecia, num primeiro momento, indizível. A convivência diária levou-me a perceber que eles não pronunciam o nome da doença, mas empregam várias expressões para se referirem a ela. Compreendi que tinha um objeto de pesquisa quando passei a ver o hospital e os pacientes – tão familiares para mim – com um olhar informado por questões e problemas de pesquisa e por teorias que orientam essas questões e problemas. Com a ajuda do caderno de campo, passei a exercitar o estranhamento, através da observação participante e entrevistas informais. O trabalho de campo possibilitou um nível de proximidade com os pacientes dando acesso a informações que

dificilmente seriam alcançadas de outra forma. As dificuldades iniciais, como o incômodo em falar sobre algo que mobiliza sofrimentos, foram superadas quando mudei o local de campo, do hospital para a Casa de Apoio aos pacientes. No trabalho de campo dei tempo ao tempo para as relações se estabelecerem, respeitando os desejos e as limitações que surgiam ao falarem de um assunto permeado de preconceitos. O intenso diálogo foi fundamental para resgatar os aspectos que trazem melhor como os pacientes percebem e vivem a doerça, e para alcançar os significados em torno dela. Significados estes que acarretam sérias consequências para o tratamento, como o adiamento de exames e mesmo o seu abandono.

Tiago de Aragão (UnB) – apresentação oral

Agora, a ocupação de espaços políticos

O cenário desta investigação chama a atenção pela forma e velocidade em que se deu o seu crescimento, sendo visto como um dos principais fenômenos urbanos do Distrito Federal na década de 1990. Sua história é vinculada a um aterramento sanitário, o Lixão, onde desde a década de 1960, cerca de 800 pessoas viviam em seus arredores trabalhando com a coleta e seleção do lixo oriundo de todo o DF. Mas foi só a partir de 1994, com o incentivo do então deputado José Edmar (hoje assessor especial do governador do DF), que a ocupação tomou grandes proporções – em 1995 já havia mais de 500 famílias no local. Hoje o Governo do Distrito Federal relata uma população em torno de 30 mil pessoas. A sua curta história carrega disputas pela regularização do território, disputas políticas, violência, reivindicação por melhoria de infra-estrutura e maior assistência do Estado. Devido ao seu recente surgimento como aglomerado urbano, e sua explosão demográfica, a antiga Vila, hoje Cidade Estrutural, é um local propício para estudos urbanos, sendo possível a investigação de elementos centrais de sua constituição, como exemplo, sua configuração política. Grupos formais e informais, facções, administração e políticos profissionais se colocam nesse cenário de busca pela cidade e tudo que ela idealmente oferece como local de acesso a bens e a serviços públicos. A partir de observação participante e de uma série de entrevistas em profundidade a pesquisa visa captar a configuração política da cidade, negligenciada pelos principais veículos de comunicação, e compreender as motivações e principais estratégias inseridas nesse contexto político.

Urias Couto Gonçalves (UFJF) – apresentação oral

Música sertaneja e identidade de grupo

O trabalho que apresento baseia-se na minha monografia de conclusão de graduação que está em andamento. Meu objetivo é apreender a percepção de um grupo específico de fãs da música sertaneja sobre os vínculos desse estilo musical com os valores e a vida na roça. Estudo a “Caravana Chão Moiado”. Trata-se de

um grupo de fãs da música sertaneja que acompanha as festas organizadas por Gil Carlos, apresentador do programa sertanejo de uma rádio da cidade. As festas ocorrem em alguns domingos em Juiz de Fora ou em cidades da região. Apresentam-se duplas sertanejas da cidade e da região, que cantam desde músicas sertanejas românticas até músicas caipiras, de autoria própria ou não. Acompanho essas excursões e levanto dados através de entrevistas com cantores e fãs. A partir das observações feitas até agora pude averiguar que o fã da música sertaneja (romântica, pop, contemporânea ou o adjetivo que couber) enxerga vínculos dessa música com a música considerada “de raiz”, aquelas gravações mais antigas que datam a partir do ano de 1930 e têm como representantes duplas como Tonico e Tinoco. Os membros do grupo relacionam a música sertaneja com a vida no campo, apesar de viverem há muito tempo ou terem nascido na cidade. Até mesmo a música romântica atual, que tematiza predominantemente o amor, pode ser relacionada ao campo na medida em que ela busca legitimação nas “músicas de raiz”. Minha intenção é descobrir o papel da música na construção da identidade de grupo e a força que esta identidade exerce no indivíduo.

Wellington da Silva Conceição (UCAM) – pôster

“Qual dos três é melhor de se morar?": um estudo de hierarquia habitacional no complexo Cidade Alta – Rio de Janeiro

O trabalho visa apresentar um estudo socioantropológico sobre hierarquias sociais, tomando como campo empírico um complexo de conjuntos habitacionais localizado na zona norte da cidade do Rio de Janeiro. Após contextualizar a questão habitacional nessa cidade e suas principais formas de classificação, procuro apresentar os resultados do trabalho de campo realizado no Complexo Cidade Alta, como um estudo de caso representativo das relações sociais que se dão a partir de concepções hierárquicas das realidades habitacionais. Procuro mostrar as representações com as quais a cidade classifica o Complexo e como este, levando em consideração os seus três diferentes conjuntos habitacionais, constrói outras representações, classificando os seus espaços de moradia e seus respectivos habitantes. Homo hierarchicus: o sistema de casta e as suas implicações, de Louis Dumont, e A casa & A Rua, de Roberto DaMatta, servem como trabalhos de referência para essa análise.

Sumário

APRESENTAÇÃO	3
PROGRAMAÇÃO	5
RESUMOS	9
Cinemas pornôis em São Paulo	9
Para além do quilômetro dois: um estudo antropológico sobre os usos do corpo e do espaço numa casa de prostituição feminina	9
Infância, mídia e escola: leituras do corpo e comportamento no ambiente escolar.	10
O “esperar troquinho” no centro de Porto Alegre: tradição e inovação na cultura mbyá-guarani	11
Pipoca, diversão e arte: uma pesquisa urbana sobre dois públicos de cinema.	11
Estratégia, modos, planejamento: como votam os militares?	12
Emissoras de rádio no mundo “interdependente”	12
Vivendo no trecho: um ensaio etnográfico sobre “moradores de rua”.	13
Imbé gikegü, Cheiro de pequi e os espectadores de São Paulo	13
Das relações entre a arte de rua e o circuito de arte na cidade de São Paulo: uma primeira aproximação	14
A Nau dos Loucos	14
A ciganinha e seus filhos: as relações interétnicas na formação e demarcação de identidade de uma lojista da SAARA	15
Etnografando a Praça Roosevelt: um estudo sobre a percepção e a negociação de espaços entre os grupos componentes do cenário social urbano da Praça Roosevelt	16
Maternidade (re)inventada	16
Negação de direitos: a discriminação racial no processo de adoção	17

Feira de São Cristóvão: um nordeste idealizado num locus carioca	17
A recepção das noções de pureza no discurso e na vivência religiosa dos obreiros da Igreja Internacional da Graça de Deus	18
Hip hop: o grito da periferia	19
Rádios livres: uma controvérsia no ar	19
Parto e relações de gênero	20
O circo: na corda bamba entre o tradicional e o moderno	20
Sociabilidade em campeonatos de skate	21
‘Todos a la plaza’: a polissemia das relações sociais no cotidiano da Plaza de Mayo	21
Estética botulínica: etnografia das mediações químico-humanas	22
A Fantástica Fábrica de Chocolate ou como produzir bons surdos: uma análise etnográfica da relação entre professoras (ouvintes) e alunos (surdos) da rede pública de ensino	23
A comunidade muçulmana de Juiz de Fora	23
Papeleiro, Um “Papel” (In)Visível	24
Pelejando para morrer	24
Balada de preto e balada de branco: festas e preconceitos à brasileira	25
A casa, a rua e o swing: configurações da sexualidade na cidade de São Paulo	25
Relações familiares no Brasil contemporâneo, uma discussão sobre a presença de valores patriarcais em alguns bairros de São Carlos	26
A Sociedade de Etnografia e Folclore (1937-1941): práticas etnográficas no entreguerras	26
As técnicas de transformação corporal: beleza, cirurgia plástica e risco	27
Sociedade da pipa: um estudo dos empinadores de pipa do bairro Vila Conceição no distrito da Vila Curuçá, São Paulo	28
Intermediações, mediações, conflitos e alternativas de convivência: um estudo sobre individualismo e formas de socialização em um alojamento de estudantes universitários	28

Arte, corpo e brincadeira na educação infantil: a infância em uma perspectiva antropológica	29
Mito e música: consolidação ideológica em Richard Wagner	29
Classificação e estigmatização: uma abordagem etnográfica na escola	30
Oferendas e sacrifícios: as religiões afro-brasileiras na cidade de Porto Alegre	30
De atividades econômicas a relações sociais e socioespaciais: potencialidades sociológicas e antropológicas dos dados econômicos na metrópole	31
Os jovens pedaços da Cidade Estrutural	31
Olhares atentos, corpos que falam: sociabilidade e performance no contexto a língua brasileira de sinais	32
Quando a rua se torna casa e o sagrado encontra o profano: relações entre missionários e crianças e adolescentes em situação de risco social	33
“In Jesus we trust”: a Bola de Neve Church e o neopentecostalismo brasileiro	33
Performance, cultura de consumo e liderança em um espaço brasiliense de sociabilidade: o Pontão do Lago Sul	34
Circuito black metal e um estilo de vivê-lo num pedaço de Londrina	34
Estudantes de língua portuguesa na UnB: construção de identidades e políticas de inserção no espaço acadêmico	35
As metáforas do câncer: entre o indizível e o dizível	35
Agora, a ocupação de espaços políticos	36
Música sertaneja e identidade de grupo	37
“Qual dos três é melhor de se morar?”: um estudo de hierarquia habitacional no complexo Cidade Alta – Rio de Janeiro	37

Índice Alfabético de Nomes

Branca

A

Alexandre Rosa, 9
 Amanda Gomes Pereira, 9
 Ana Paula Silva, 10
 Anderson Vallerini, 9
 Andréa Grazziani Otero, 11

B

Bianca Salles Pires, 11

C

Carla Souza de Camargo, 12
 Caspar Nilsson Wolf, 12
 Clara Zeferino Garcia, 13
 Claudia Lima Pereira, 13
 Claudia Madalon, 14
 Cleber Alves, 9
 Cristiane Moura Lopes, 14
 Cristiano Cardoso da Silva, 15

D

Daniel Douek, 16
 Danilo França, 9
 Denise Ferreira da Costa, 16
 Diogo dos Santos Robledo, 17

E

Elaine Rodrigues Perdigão, 17
 Elisa Rodrigues, 18
 Erica Chaves Cruvinel, 19
 Érika Cunha Tocantins, 19

F

Felipe Narvaes Campos, 16
 Flora Rodrigues Gonçalves, 19
 Francine Barbara Maia de Oliveira,
 20
 Francisco Toledo Dayrell de Lima,
 20

G

Giancarlo Marques Carraro
 Machado, 21
 Graziella Ximenes, 21

I

Isabel Lüscher Fonseca, 22
 Ivo Dias Alves, 23

J

Jayme Almeida Schmitz, 23
 Jean Carlos Gomes Camargo, 24
 José Guilherme Cantor Magnani, 4
 Jullia Turrini Lima Brandão, 24

K

Katucha Rodrigues Bento, 25

L

Larissa Zanotto Costardi, 25
 Lidiane M. Maciel, 26
 Lívia Tavares Mendes Froes, 16
 Luís Felipe Kojima Hirano, 20
 Luísa Valentini, 26
 Lygia Soares Sena Coelho, 16

M

Marcella Masano Latanza, 27
 Marcelo Fukushima Patarro, 28
 Marcos Aurélio Lacerda da Silva, 28
 Marcos Castro Carvalho, 13
 Marcos Vinicius Malheiros Moraes,
 29
 Maria Raquel da Cruz Duran, 29
 Mariana Medina Martinez, 13
 Mariana Miranda Zanetti, 13
 Marina A. Capusso, 30
 Marina Barbosa e Silva, 30
 Michelangelo Marques Torres, 31

N

Nicolau Dela Bandera Arco Netto,
 30
 Nikolas Mendes, 16

O

Oswaldo Assis Rocha Neto, 31

P

Paula Guedes Bigogno, 32
 Pierina Angélica Soratto Jacinto, 33

R

Rafael Adriano Marques, 33
 Rafael Simões Lasevitz, 34
 Raquel Basilone Ribeiro de Ávila, 34
 Roberta K. Soromenho Nicolete, 30
 Rogério Andrade do Nascimento, 16

S

Sara Santos Morais, 35
 Sergio Eduardo Sampaio Silva, 31
 Silvano Redon, 35
 Suzane de Alencar Vieira, 24

T

Tiago de Aragão, 36

U

Urias Couto Gonçalves, 37

W

Wellington da Silva Conceição, 37

Terceira Capa